

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT

Rodrigo ao lado de barris de cachaça: produção chega a 40 mil litros por ano



Alambique une gerações em Cariacica

Famílias mantêm cachaçarias há mais de 90 anos na região e ainda fazem melado de cana. Engenhos são abertos à visitação

Em Cariacica-Sede, Cariacica, existem alambiques que funcionam há mais de 90 anos. As duas cachaçarias na região de Maricará, a 3km do bairro, estão em sua terceira e quarta geração de produção artesanal.

Uma delas também faz melado de cana. E outra aceita visitas na época de fabricação, para quem quiser conhecer o engenho.

A cachaçaria Esperança é a mais antiga. Quem cuida do alambique, hoje, são os cinco filhos de Edson Amorim Pereira, que apesar de ter passado os ensinamentos para a quarta geração, ainda supervisiona tudo e assegura o padrão de qualidade.

O filho Ricardo Amorim, 42, disse que todos os irmãos têm outros empregos, mas se unem para fazer a cachaça todos os anos, nos meses de junho a outubro, para não deixar a tradição do alambique morrer.

"Fazemos cerca de 50 mil litros por ano, das cachaças envelhecidas e da purinha. Quem quiser, ainda pode conferir o melado de cana que é feito pelo meu pai, uma tradição desde a época da inauguração do engenho", ressaltou.

Na cachaçaria Jóia, quem cuida da produção, hoje, são os filhos de Manuel Pereira Firme Júnior, 66, Rodrigo, 32, e Rafael, 25. Segundo o pai, essa é a terceira geração com o alambique.



Quem quiser também pode visitar a produção nos períodos de funcionamento.

"Nossa construção é da época dos engenhos dos jesuítas que chegaram ao município. Temos pilastras que são feitas de cal e pedras. Aqui, funcionava uma fábrica de melado e açúcar", afirmou.

Manuel disse que já teve época em que o engenho era puxado por bois. "Como a energia elétrica na parte rural de Cariacica-Sede só chegou em meados da década de 70, a gente passou muito tempo funcionando à base da roda d'água e motor a diesel", comentou.

Segundo Rodrigo, a produção das cachaças Jóia e Maricará, as duas marcas produzidas por eles, chegam a 40 mil litros por ano, que são vendidos no município, em bares e supermercados da região.

"Temos a envelhecida em barris de madeira de castanha e cerejeira, que é a Maricará, e a conhecida como purinha, a Jóia. Os preços variam de R\$ 3,00 a R\$ 10,00", disse Rodrigo.

URNA

Os moradores de Cariacica-Sede, em Cariacica, podem sugerir reportagens e reivindicar melhorias para o bairro, depositando as dicas por escrito na urna do projeto **A Tribuna com Você** que está na Banca Elisa, na praça Marechal Deodoro.

RECORDAÇÕES

ÁGUA – O aposentado Adíbio Masruha, 76, nasceu em Cariacica-Sede e lembra que, quando criança, o bairro já era povoado e as casas tinham uma fachada antiga.

"Não existia a Ponte Florentino Avidos ou rodovia do Contorno. Para chegar aqui, as pessoas tinham que ir pegar embarcações na Vila Rubim para o Porto de Cariacica", disse.

Segundo Adíbio, a praça já existia, mas era de terra até 1972. E a Igreja-Matriz da Paróquia São João Batista ainda não tinha a torre. "Passamos por uma época de dificuldade, pois faltava água o dia todo e só chegava à noite".

Ele comentou que Cariacica-Sede sempre foi destaque pelo comércio desenvolvido. "A prefeitura ficou aqui até a década de 80 e o comércio já foi bem mais desenvolvido do que é hoje", observou.

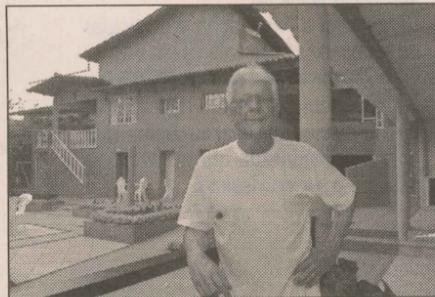


PRAÇA – Para o dentista Arildo Gimenes, 70, nascido em Cariacica-Sede, o bairro ainda preserva o jeito de cidade de interior. "Lembro que a praça era de terra, com bancos de madeira e um coreto de cimento, usado para as festas, leilões e apresentações", disse.

Ele afirmou que os ônibus do local eram chamados de "Upa". "Pareciam bondes, por ter os lados todos abertos. Eles iam até o centro de Vitória", afirmou.

O dentista contou que o seu pai, Paulo Rodrigues, era um empresário e na época da Segunda Guerra Mundial a região sofreu por falta de combustível.

"Meu pai adaptou um combustível chamado gasogênio para os ônibus durante esse período", disse. Segundo Arildo, apesar dos ônibus começarem a levar as pessoas até Vitória, o transporte de mercadorias foi feito, durante muito tempo, por canoas no Porto de Cariacica.



HISTÓRIA

- Cariacica-Sede foi o primeiro bairro a se desenvolver na região. O primeiro nome do município foi Carijacica, que na língua tupi significa "chegada do homem branco".
- Segundo pesquisadores, Cariacica era o nome de um rio descoberto pelos indígenas, que desceu do Monte Moxuara. Com o tempo, a linguagem popular abreviou o nome para Cariacica.
- O local foi considerado distrito e batizado pela Igreja Católica como Freguesia de São João Batista de Cariacica, onde é, hoje, Cariacica-Sede, no dia 18 de dezembro de 1837.
- Através de um decreto administrativo, em 1971 foi criada a data de comemoração do dia da cidade: 24 de junho, mesmo dia em que se comemora o Dia de São João Batista, padroeiro do município.
- As primeiras povoações foram fundadas pelos Jesuítas. Em Maricará, a quatro quilômetros da sede do município, construíram um colégio que abrigava um convento.
- A partir da década de 50, a sede foi perdendo espaço para outros bairros situados mais próximos de Vitória.
- Em 1973, o então prefeito Vicente Santório Fantini sancionou o projeto que mudava a sede da administração municipal para o bairro Campo Grande.

Fonte: Prefeitura de Cariacica.